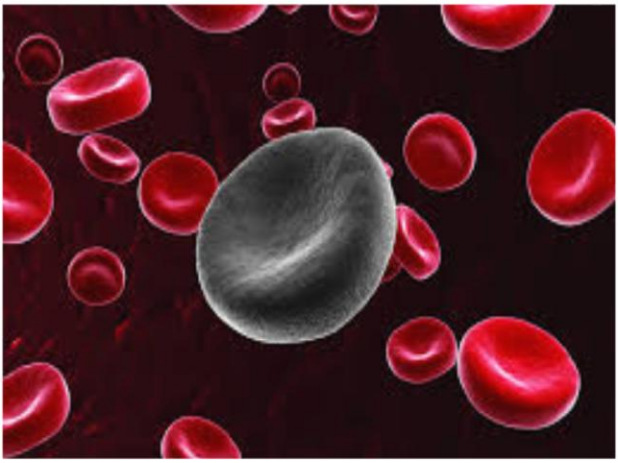
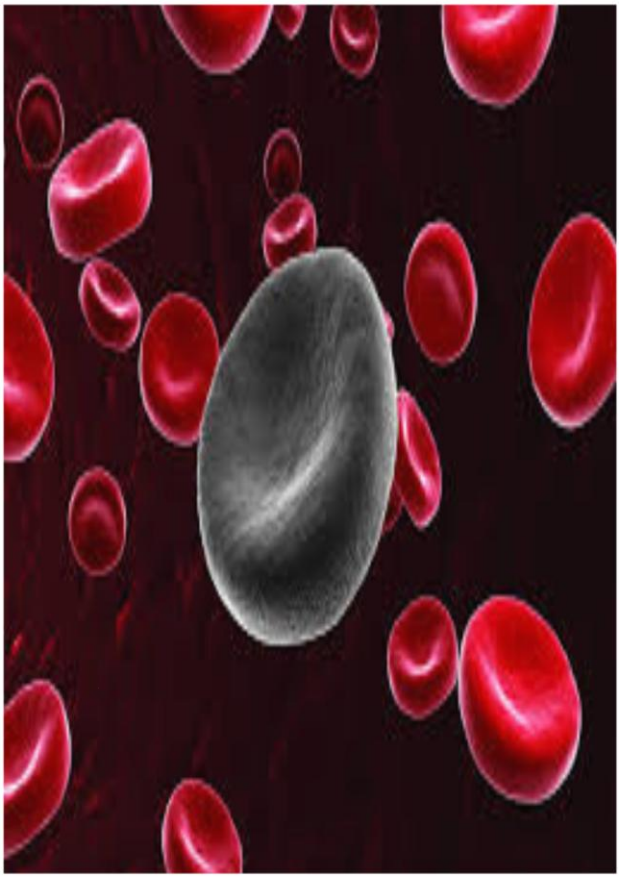


A INTRUSA LEUCEMIA ENTRE EU



E MINHA FILHA



Apresentação

Uma mãe

Uma filha

Uma família

Uma reviravolta!

Prefácio

Comecei a escrever esse livro no hospital São Camilo (Pompéia) ao lado da minha filha que se encontrava internada com leucemia linfóide aguda (LLA)

Apesar de termos consciência da gravidade da doença, eu tinha certeza que com minha filha seria diferente. Procurei em livros, na internet e nada encontrava com um final feliz. As pessoas lutavam, lutavam e o fim era sempre o mesmo, a doença vencia era letal e isso eu não poderia aceitar.

Ficava pensando que aquilo não poderia acontecer comigo. Sempre fui uma pessoa tão justa. Jamais fiz mal nenhum para alguém, muito pelo contrário. Sempre procurei ajudar todos. Plantei árvores, tive duas filhas e escrevi vários livros, enfim, sou um ser humano politicamente correto.

Tentava escrever, mas sempre interrompia em prantos. Notei que não poderia fazer um livro num formato normal com começo, meio e fim. Depois de dois anos que minha filha desencarnou, consegui dar continuidade e com grande alegria consegui terminar essa homenagem para ela. Claro que ás vezes chorei e ainda choro, mas somente de saudades, jamais por sua partida. Sei que a morte é apenas um novo começo. Fiz mil perguntas aos seres superiores e compreendi que em

algum lugar do universo eu e minha filha escolhemos passar por isso aqui e sabíamos que agüentaríamos tudo com amor e aceitação.

Mil vidas eu ainda tenha, mil vidas eu voltaria ao lado dela e juntas seríamos fortes para cumprir qualquer missão rumo a tão maravilhosa evolução que queremos e precisamos alcançar.

Filha foi um prazer estar ao seu lado aqui na terra, até qualquer hora! Eternamente te amarei Thaís!

Dedico esse livro a minha filha Tatiana Suzel por todo seu amor e dedicação comigo e com sua irmã, por ter deixado sua vida de lado e caminhado no meio de nós duas. Dado seu ombro ás vezes que faltaram forças para continuarmos. Filha, sem você tudo teria sido muito mais difícil, eu não iria suportar. Te amo. Gratidão eterna!

Livro sem revisão profissional, se encontrarem algum erro de português, de concordância ou pontuação, perdoem-me. Quem sabe um dia alguém resolva publicá-lo profissionalmente, ele saia dentro dos padrões. Por enquanto é apenas um trabalho para que nossos amigos e familiares possam guardar essa recordação da minha filha Thaís.

Acordei dia quatro de fevereiro de 1984 com dores nas costas, mas bastante disposta. Estava no nono mês de gestação e a qualquer momento poderia dar á luz. Limpei toda casa e a noite meu marido colocou a rede no quintal e a televisão. Estava um calor terrível e eu estava com trinta quilos acima de meu peso normal. Enquanto o Bem preparava uma deliciosa pizza eu observava o céu que esta noite estava particularmente cravado de estrelas e iluminado. As contrações fora aumentando, eu continuava calma. O Bem ao contrário, vinha com a massa da pizza nas mãos derrubando farinha no quintal inteiro para ver se estava tudo bem. Uma hora da manhã, depois de comer a pizza e cochilar um pouco na rede, acordei e falei que estava na hora. Chegamos ao hospital Santa Marta por volta das 1h35. E ás 7h30 do dia 05 de fevereiro de 1984 nascia para nossa surpresa, Thaís De Carvalho Seraphini (nome escolhido pelo pai que adorava a atriz Thaís de Andrade), com 3,720g e 50cm. Falo em surpresa porque tínhamos certeza que seria um menino. Talvez porque eu já fosse mãe de Suzel, minha filha mais velha, acreditei piamente que seria um menino. Naquele tempo não tinha ultrassom disponível e de fácil acesso para todos. Era um artigo de luxo ainda. Que presente! Uma coisinha branquinha e dava para contar os fios dourados na cabecinha.

Chegou faminta e já procurando meus seios. Não entendi o porquê, apesar da minha alegria, bateu uma imensa tristeza e chorei. Hoje entendo o motivo, era por de alguma maneira eu já sabia o longo e doloroso caminho ao qual fomos destinadas ou escolhemos? Não sei bem ao certo, mas naquele momento eu sabia que não seria fácil. Eu sabia! Meu marido chegou na hora da visita com flores nas mãos e gritou com um lindo sorriso na porta! *"Deu zebraaaaaaaa"* (por pensarmos que seria um menino). Isso foi só um comentário que desapareceu para sempre quando ele aconchegou aquele pequeno pacotinho em seus braços e disse *"É minha cara"* E não foi que acertou? Os anos passaram e isso ficou comprovado, Thaís cada dia mais parecia o Bem de saia. A personalidade e jeito de conduzir a vida não, isso é muito parecida comigo.

No dia seguinte já recebi alta e quando cheguei em casa peguei a escovinha de cabelo e penteei as madeixas contendo apenas uns fios. Suzel chegou logo em seguida com minha sogra que havia ficado com ela. Ficou encantada e quis segurar a neném que se acomodou e dormiu. O tempo foi passando e todos os dias eu agradecia a mãe natureza por minha família. Perdi cedo demais meus pais, somos quatro irmãos e cada um foi morar com alguém da família.

Foi tão triste essa separação, além de perder os pais nos vimos distantes um dos outros, não foi fácil. Meu sonho era formar uma nova família, criar minhas filhas ver meus netos crescerem e só depois eu poderia partir desse plano, deixando todos encaminhados e felizes. Parei de trabalhar para me dedicar totalmente as minhas filhas. Uma época que eu sofria muito era na hora de dar vacina nelas. Sempre levava alguém comigo ou meu marido ia junto. Não suportava a idéia que elas iriam sentir dor, aliás, se tinha soluços, coisa bastante normal em bebês, eu chorava, pensava que estava doendo que iam morrer, fazia de tudo para que nunca ficassem doentes. Amamentei Thaís até um ano de idade. Era um bebê forte e raramente ficava doente. Eu adorava encher os poucos fios de cabelos dela com fitinhas e Maria Chiquinha, ficava parecendo que tinha mais cabelos. A maioria das roupinhas dela eram rosa e qual não foi minha surpresa quando ela completou onze meses e comecei a notar que ela preferia a cor azul? Quando eu a vestia com azul, ela ficava passando a mão na roupinha com um sorriso banguela. Comecei então a colocar na cama peças de várias cores e ela sempre escolhia azul. Ela passou a me chamar a atenção pela inteligência. Podia passar vários carros na rua, mas quando o pai estava chegando ela começava a se agitar no berço e falava *"Papai neném"* com poucos meses de vida.

Ela tinha adoração pelo pai. Ele ficava pouco em casa, motorista de taxi naquela época ganhava pouco e tinha que trabalhar até de madrugada para sustentar a família. Precisávamos também construir o quarto das meninas. O Bem comprou um carrinho de neném e eu as tardes levava Thaís para passear. Os vizinhos cercavam o carrinho falando que ela era linda demais e eu deveria levá-la para uma agencia de modelos. Tinha uma agencia contratando bebês para lançamento de uma certa marca de fraldas descartáveis Eu não quis, achava que ia cansar minha filha e não fui atrás. Porém ficava toda orgulhosa com toda essa pompa com a pequena Thaís



Thaís com quatro meses

Thaís com quatro meses. Ela estava sonolenta e emburrada, mas eu queria fazer uma foto dela que esse dia estava linda com vestidinho rosa. De repente um gatinho passou no muro do vizinho e ela deu esse lindo sorriso para ele. Bendito gatinho! Quando Thaís completou seis anos, coloquei-a no Pré Primário, assim como Suzel, só foi para escola quando realmente era obrigatório. Sempre fui contra colocar crianças em escolas mais cedo Uma época meu leite empedrou e a vizinha Eunice quem amamentou Thaís. Thaís quase trocou de mãe. Quando via a Nice se jogava para ela e até chorava quando ela ia embora.



05 de fevereiro de 1985 Thaís com um ano de idade e seu vestidinho e chapeuzinho azuis

Ouvia algumas amigas falarem que não viam a hora das crianças irem para a escola para ficarem em paz. Outras eram obrigadas por trabalharem fora, não era meu caso. Só ficava em paz quando minhas crias estavam ao meu lado e parei de trabalhar para isso, não que eu não precisava, mas não confiava em ninguém para deixar minhas filhas quando eram pequenas Coloquei também elas no balé, eu fazia crochê e vendia para pagar as mensalidades. Elas adoravam e acordavam bem cedinho para ir ao balé



Suzel e Thaís prontas para o balé

Suzel foi crescendo desinibida, fazia amizades por onde andava já Thaís sempre tímida, demorou um bom tempo e só com uns dez anos que começou a se enturmar com as crianças na escola e na rua de casa. Com doze anos Thaís começou a mudar, eu tinha a impressão que ela queria viver rápido, ela não queria mais estudar, queria trabalhar. Falava sempre que queria ter filho cedo, queria casar ter uma casa. Eu estranhava, mas, achava que era coisa da adolescência.

Ela é fã número um de Michael Jackson e nessa época começou a comprar revistas que tinham matéria dele. Era uma bagunça, ela escrevia o nome dele em todo lugar e colava pôsteres no quarto.

Eu ficava com uma raiva dos rabiscos e corria atrás dela com o chinelo na mão

Quase não apanharam quando eram crianças, depois de maiores dei uns tabefes a mais.

Quando o Michael Jackson casou com a Priscilla Presley, foi um Deus nos acuda.

Thaís chorou copiosamente e eu tentava acalmá-la falando que artistas casavam e se separavam muito rápido e que ela ainda poderia viajar e encontrar seu príncipe encantado e viveriam felizes para sempre... ai ai ai, isso sim é “pagar um mico”

Ela secou as lágrimas e ficou muito feliz com isso. Logo depois ela se apaixonou por um integrante da banda New Kids On The Block e depois pelo Robbie Williams. Era muito amor e eu me divertia com minha adolescente e suas loucuras.

Outra característica minha que Thaís herdou era a de transformar tudo o que dava errado em piada. Na hora da "Desgraça" fazíamos de tudo para controlar a situação e depois criávamos uma peça de teatro e tudo virava piada.

Exemplo: uma vez Thaís andando de skate no quintal e eu a repreendendo, ela estava de alta e não poderia ter nenhum corte ferimento, estava com diabetes medicamentosa.

Ela falava que a gente só aprende assim arriscando. Mal falou e se esborrachou no chão, todos ficaram paralisados com o estrondo.

Sai correndo e tentei levantá-la. Ela com as pernas arranhadas e assustada levantou e depois de notar que nada aconteceu começou a rir e falou.

"Toma Thaís, se ouvisse a mãe não estava toda lascada" a família começou a rir



Thaís com dez anos

Com treze anos ela começou a namorar um rapaz com o dobro de sua idade. Ele já havia se casado, separado e tinha dois filhos.

O pai não queria esse namoro, nenhum pai iria querer, ele enxergava Thaís como o seu bebezinho e o Carlinhos o lobo mau.

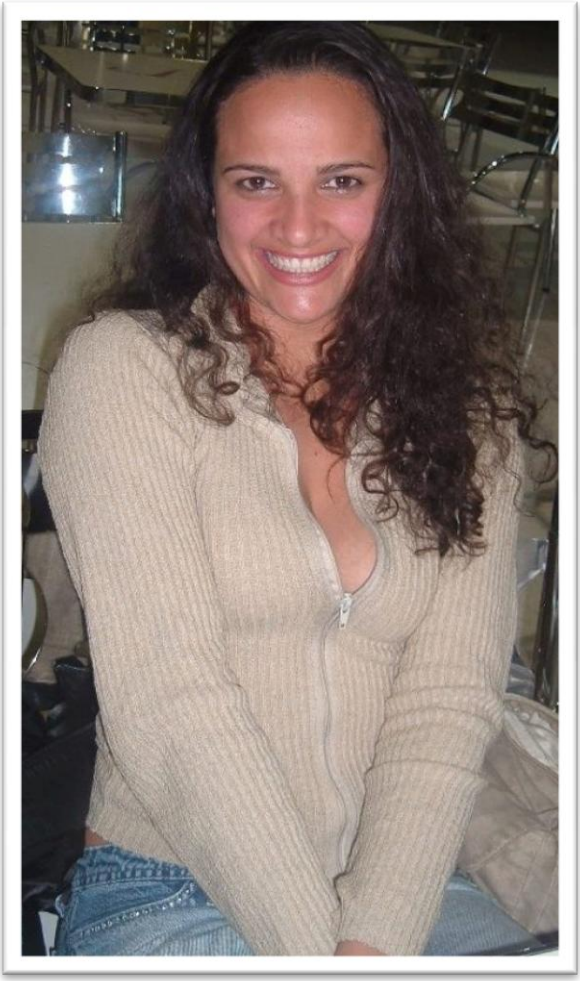
Eu sempre agi diferente. Apesar de toda a proteção que eu mantinha em relação as minhas crias, sempre soube que não poderia interferir em suas escolhas ou caminhos, o máximo que eu poderia fazer era orientar

Eu tinha medo ás vezes que ela saia com ele naquela moto envenenada e ao mesmo tempo notava o quanto ela estava feliz e isso me bastava, não sentia minha filha em perigo.

O namoro durou dois anos e depois terminou.

Logo em seguida com quatorze anos ela começou a namorar o Henrique. Ela estudava no colégio Mario Moura e tomava ônibus para ir e voltar da escola. Ele motorista desse ônibus que coincidia em passar na hora da entrada e da saída dela.

Thaís não namorava garotos de sua idade, falava que eram muito imaturos, mas dessa vez ela exagerou, o Henrique tinha nada menos que vinte anos a mais, ele tinha trinta e quatro anos, era mais novo que eu apenas três anos.



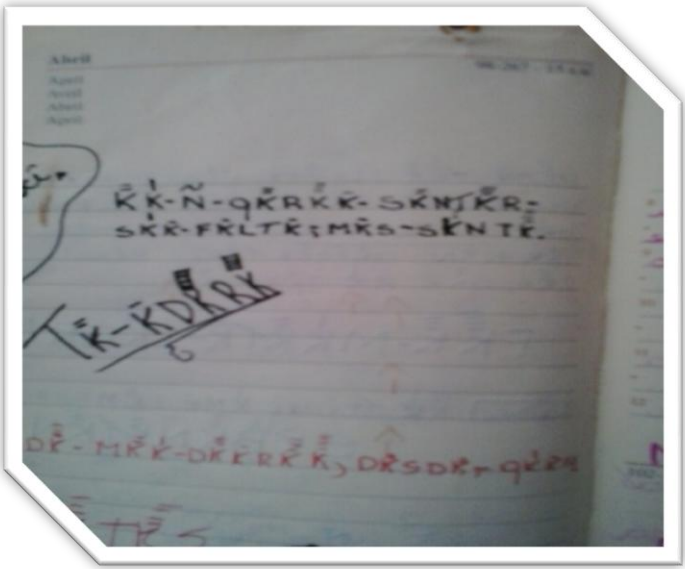
Thaís no auge da vida

*N*essa época eu estava separada do Bem e tinha que cuidar de tudo sozinha, estava abrindo um bar em minha garagem e fiquei muito preocupada quando fiquei sabendo na escola que a Thaís estava cabulando aula e ficando com esse tal de Henrique. Pedi a ela para trazer esse homem aqui, queria conhecê-lo para falar para ele que não permitiria mais que Thaís cabulasse aula ou ele iria se ver comigo. No dia seguinte chega Thaís com Henrique, ela sem graça com medo de "pagar mico" como falavam antes quando passavam por constrangimentos. Ele um homem baixinho, barrigudo, porém muito bonito dono de lindos olhos azuis que fez Thaís apaixonar-se perdidamente.

Gostei dele, aliás, de quem não gosto? Ele a chamava de anjo e notei a proteção e o tamanho do amor daquele homem por ela. Isso me bastava. Ele saiu prometendo que ela não cabularia mais aulas e pediu para namorá-la em casa.

Permiti na hora. Thaís ficou feliz demais, me beijou, abraçou e disse muito obrigada e que era a garota mais feliz do mundo. Ele começou a freqüentar a casa, sempre presenteava a Thaís com bombons, ela guardava todos os papéis dos doces em uma agenda que ela escreve desde começou a namorar o Carlinhos. [Às vezes dou uma olhada para ver se está tudo bem]

Ela percebeu que eu olhava e começou a escrever em códigos. Rimos muito desse episódio com o passar dos anos e ela acabou lendo um dia todo conteúdo do diário que se encontrava em código



Diário da Thaís em código

Um dia Thais chegou da escola pálida e disse que vomitou porque uma moça estava com um pacote de salgados no ônibus e primeiro deu vontade e depois ela passou mal.

Na hora levei um susto, senti que Thais estava grávida. Não estava enganada, ela estava realmente grávida.

*D*eixei-a descansar e fui ler o diário dela para descobrir mais algo e quase cai para trás quando li que ela estava desconfiada e muito feliz. Ela falava que logo teria um "magafaguinho"

A noite chegou o Henrique e resolvi falar com os dois. Eles confirmaram a desconfiança e ele disse que iria levá-la para fazer exame. Eu disse que iria junto afinal ela era menor de idade.

Tudo confirmado e Thaís seria mãe de uma magafaguinha.

No final do sexto mês de gestação Thaís começou a sentir fortes dores e minha cunhada veio para levá-la ao hospital. Os médicos falaram que fariam uma cesariana porque a Thaís corria risco de vida.

O bebê nasceu com vários problemas, não tinha sobrancelha, unha, a pele era transparente, com 1,800 kg, 48cm foi direto para incubadora.

Thaís estava salva, correu tudo bem, porém a neném os médicos não deram muita esperança.

Thaís recebeu alta e a neném ficou mais dez dias. Foi um milagre, ela se recuperou deixando até os médicos surpresos.



Danielli já com sete meses, era muito pequeninha. Observem roupinha e urso azul.

Thaís agora podia respirar tranqüila, estava se sentindo a pessoa mais feliz do mundo. Fomos registrar a neném que recebeu o nome de Danielli Suzel De Carvalho Seraphini Dutra. Ela colocou Suzel para homenagear a irmã.

Henrique deixou de trabalhar como motorista de ônibus e comprou um caminhão. Passou a fazer carretos e viajava com Thaís e Danielli ainda bebê.